



# Apresentação

## JUVENTUDE E VELHICE, DUAS GERAÇÕES EM MUTAÇÃO

**Isolda Belo da Fonte**

Doutora em Sociologia (Universidade de Barcelona)  
Pesquisadora Titular da Fundação Joaquim Nabuco do Ministério de Educação  
ibelodafonte@gmail.com

**Luís Antonio Groppo**

Doutor em Ciências Sociais (Universidade Estadual de Campinas)  
Professor da Universidade Federal de Alfenas, Alfenas, Minas Gerais, Brasil  
luis.groppo@gmail.com

**Nildo Silva Viana**

Doutor em Sociologia (Universidade de Brasília)  
Professor da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Goiás, Brasil  
nildo@nildoviana.com

**Revalino Antonio de Freitas**

Doutor em Sociologia (Universidade de Brasília)  
Professor da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Goiás, Brasil  
rafreitas@ufg.br

**A**s sociedades contemporâneas se encontram, cada vez mais, entrecortadas pelas gerações, agrupamentos de seres sociais que, lembrando Karl Mannheim, partilham um mesmo momento histórico, no qual vivenciam experiências, sentimentos, que permitem a elas a experiência, compartilhando uma consciência social que fortalece os vínculos entre si.

Na sociologia, o “olhar” sobre elas são múltiplos, prenes de significados, posto que adquirem contornos que lhes dão conformidade, permitindo recortes, identificações, reconfigurações e normatizações. Como centralidade desse processo, perpassando os múltiplos contextos em evidência, encontram-se os ciclos de vida, espaços temporais que permitem vislumbrar as várias idades da vida que se constituem de acordo com cada sociedade.

Mas, justamente por conta da fluidez cada vez maior desses espaços temporais, a relação que eles estabelecem, com aproximações e distanciamentos, reciprocidades e hostilidades, o debate conceitual e teórico permanece em aberto. Afinal, como definir e estabelecer contornos com razoável margem de segurança, diante de agrupamentos etários, sociais e culturais que se movem continuamente? Em síntese, as margens cada vez mais movediças dos espaços constituintes das gerações remetem à exigência de investigações mais rigorosas para delinear esses espaços e consolidar fronteiras menos voláteis. E aí reside o maior desafio para os estudiosos que se propõem a investigar as gerações.

Outro desafio, tão ou mais clássico quanto este dilema da fluidez dos tempos e das margens, vem das perspectivas sociológicas que afirmam a diversidade dos modos de viver cada idade da vida, como a infância, a juventude, a velhice e a própria idade adulta. Primeiro, a

perspectiva “classista”, rival da geracional na leitura de José Machado Pais (1993) sobre as tendências da sociologia da juventude. Tal perspectiva não é necessariamente marxista, incluindo autores de renome como Pierre Bourdieu (1983), para quem a juventude é “apenas uma palavra”, simplesmente o outro imaginário do adulto e do velho. Segundo, perspectivas contemporâneas, como os estudos culturais e o pós-estruturalismo, que atestam a diversidade dos modos de viver as idades da vida não apenas conforme a classe social, mas também segundo o gênero, a etnia, as filiações religiosas etc.

Entretanto, a geração e as categorias etárias são consideradas aqui como variáveis sociológicas e elementos simbólicos e estruturais das sociedades contemporâneas tão importantes quanto, por exemplo, a classe social, o gênero, a etnia, a filiação religiosa. É claro, uma ou outra leitura pode dar ênfase a um aspecto, fazendo os demais subordinarem-se a ele. Outras podem tentar a difícil arte da síntese, na busca da totalidade. De toda forma, destacam-se a pertinência do foco geracional e a validade das categorias etárias como noções a serviço da análise social.

O dossiê que ora apresentamos tem, por objetivo, contribuir com a ampliação do debate a partir de duas fases distintas do processo geracional: a juventude e a velhice. Não se trata aqui, a partir dos artigos apresentados, de elucidar e construir fronteiras nítidas, mas de oferecer mais elementos para fomentar a discussão e a investigação sobre essas gerações. Dessa forma, o que se propõe é uma reflexão “em aberto” sobre as gerações, entendendo que a melhor forma de caracterizá-las, com rigor e precisão, é instigando cada vez mais as possíveis certezas que às vezes insistem em se fazer presentes.

No Brasil e na América Latina, a velhice é a mais recente das gerações a se inserir no campo de investigação sociológica. Nas últimas décadas do século XX, teve início um processo de adultização dessas sociedades. Esse movimento, lento em seu início, tem se intensificado desde o início deste século, com fortes consequências na estrutura etária. Além da adultização em si, também tem se ampliado, tanto em termos proporcionais quanto em termos absolutos, a presença de pessoas idosas. Na medida em que as taxas de mortalidade e de natalidade começaram a reduzir e, de igual forma, a esperança de vida passou a aumentar, esse processo foi se tornando mais amplo, complexo e com consequências sociais, econômicas e políticas nessas sociedades.

Do ponto de vista acadêmico, desde meados dos anos 1980, o envelhecimento social tem se tornado um desafio e o crescimento populacional dos idosos tem levado a um número crescente de investigações sobre o tema. Assim, em diversos campos, como a psicologia, a educação, a economia, o serviço social, a antropologia e a sociologia, pesquisadores têm se dedicado a analisar essa geração heterogênea, cada vez mais complexa, e que busca se constituir em um ator relevante no debate geracional.

Quanto à juventude, distintamente da velhice, ela já é um tema clássico da sociologia, constituindo há décadas um campo próprio, o da sociologia da juventude. No entanto, tal qual as gerações que se sucedem, a sociologia da juventude tem se recriado, metamorfoseado, ao longo do tempo, diante da dinâmica voraz das sociedades modernas e contemporâneas. No Brasil e na América Latina, as primeiras pesquisas focaram especialmente os estudantes de ensino superior e os movimentos estudantis, nos anos 1960, com dois marcos: a coletânea em quatro volumes organizada por Sulamita Brito (1968), *Sociologia da juventude*; e as obras de Marialice M. Forachi (1972). Nos anos 1970 e 1980, ainda se destacam os universitários como sujeitos de estudo, mas o tom geral é o



de lamento pela suposta alienação e o individualismo desses jovens. Entretanto, aos poucos, novos sujeitos e novos enfoques foram adentrando a sociologia da juventude, a ponto de o jovem radical ter se tornado o outro ausente deste campo. Em seu lugar, destaca-se o jovem oculo de outrora, os jovens das camadas populares e os problemas sociais que vivem, bem como a possibilidade de enfrentamento desses problemas, por meio de Políticas Públicas de Juventude. O direito negado à juventude, no passado, torna-se o direito precário à juventude para os filhos das classes populares, a quem se oferece o trabalho mal remunerado e a primazia na vitimização por mortes violentas, a quem são destinadas escolas degradadas e políticas que tendem a tratá-los como cidadãos tutelados e de segunda categoria.

O dossiê sobre gerações concentrou suas preocupações na juventude e na velhice. No caso desta última, os artigos que o compõem mantêm uma tradição corrente no Brasil e América Latina de abordagens interdisciplinares que procuram investigar aspectos diversos e que dizem respeito tanto à universalidade de problemas que afetam as gerações, como um todo, quanto às especificidades próprias da velhice. As análises aqui apresentadas são multifacetadas, mostram a existência de uma velhice construída socialmente de forma heterogênea enquanto uma experiência de vida, que se diferencia de acordo com a perspectiva a partir da qual a investigamos, seja o gênero, a classe social, a formação cultural, enfim, as experiências de vida pelas quais esses seres sociais passam ao longo de sua existência.

No caso da juventude, consideramos que os artigos que compõem esse dossiê trazem interessantes inovações. Primeiro, uma perspectiva mais crítica sobre os problemas enfrentados pelas juventudes e as políticas criadas como respostas. Segundo, renovam outro forte aporte das pesquisas sociológicas acerca da juventude, e que também ganharam relevo a partir dos anos 1990: as culturas juvenis e a dimensão artístico-cultural das juventudes. Vale realçar também a perspectiva comparativa, adotada pelo artigo de Russel Parry Scott (tratando da juventude de três diferentes cidades do mundo). A comparação também é possibilitada por artigos que tratam da juventude na Argentina e que podem trazer mais esclarecimentos aos estudos sobre as juventudes brasileiras.

O artigo de Cristiane Leal Rodrigues Soares, “Três histórias: velhice feminina, agência e reflexividade em contextos de convivências intergeracionais”, enfatiza a sua análise no envelhecimento feminino. Partindo dos conceitos de agência e reflexividade, tal qual proposto por Anthony Giddens, a autora se preocupa em investigar as relações intergeracionais desenvolvidas no espaço familiar, tendo como centro dessas relações as mulheres idosas e a sociabilidade que se desenvolve no convívio com filhos e netos. Assim, a partir da narrativa de três mulheres idosas, a autora procura investigar como as experiências de vida dessas idosas são referenciais para o convívio familiar e mesmo para as relações extrafamiliares.

As redes sociais de relacionamento sociais ocupam o centro do artigo de Pamela Jorquera Álvarez, Paulina Osorio Parraguez e Andrés Gomez Seguel, “Configuración de redes sociales en personas mayores viudas en Chile”, que investiga essas redes nas quais gravitam viúvos e viúvas acima de 60 anos. Os vínculos de relações dessas pessoas, antes da viuvez, se constituem especialmente através do ambiente familiar, expandindo às vezes para a vizinhança e abarcando, em menor intensidade, pessoas com as quais as viúvas e viúvos compartilham algum tipo de atividade, além das amizades mais fraternas, cujos laços de afetividade se mantêm de longa data.

A viuvez promove mudanças sensíveis nessas relações, seja pela redução de contatos com contemporâneos – que em muitos casos também falecem – bem como pelo surgimento de novos atores sociais que são incorporados às suas redes, os quais se sobressaem àqueles ligados a outras atividades ou envolvidos com serviços de cuidadores. Os vínculos familiares, dessa forma, não perdem a importância nem a proeminência; contudo, observa-se o envolvimento direto de familiares mais jovens na estrutura familiar – filhos, genros, noras, netos – também aqui por conta do falecimento de familiares contemporâneos – cônjuge, irmãos, tios.

O artigo procura evidenciar o quão complexo é a formação e a consistência dessas redes, sinalizando que a própria estrutura familiar e de relacionamentos sociais pré-viuvez incidem sobre essas redes pós-viuvez. Os autores sintetizam a investigação considerando que a percepção da viuvez de pessoas idosas enquanto um marco biográfico-social permite constatar mudanças significativas no processo de envelhecimento social dessas pessoas, através da formulação de uma tipologia da configuração dessas redes de relacionamentos sociais a partir de uma perspectiva de gênero, o que constitui uma interessante abordagem acerca da vida social dessas pessoas.

A solidão, por sua vez, constitui o centro das atenções do artigo de Raphael Bispo, “Retratos da solidão: sofrimentos e moralidades femininas na velhice”. O autor, a partir de um estudo etnográfico, adentra a experiência da solidão com base em uma perspectiva de gênero. No caso, a investigação se efetiva através da análise da trajetória de vida de mulheres idosas que vivem o estado de solidão, não obstante um passado de forte presença no imaginário masculino, derivado da condição de dançarinas de um programa apresentado na televisão.

O autor procura, em sua leitura da trajetória de uma dessas idosas em particular, observar o quanto a solidão – esse tema recorrente na vida das pessoas idosas – pode ser também uma experiência emocional, como ele próprio afirma, que pode ser vivida em outros momentos e ciclos de vida e que, com seus meandros, sinaliza sensações outras que desafiam o senso comum. Mais do que o estado emocional derivado da solidão em si, o que interessa ao autor é a experiência do viver só, como a solidão transcorre na vida cotidiana e, no caso particular, como a solidão é vivida por uma mulher de mais de 60 anos, cuja experiência de vida – em um determinado ciclo – esteve diretamente envolta pelo contato direto com um público amplo, inúmeros fãs e relacionamentos afetivos diversos, mas que nem por isso deixou de mantê-la a distância, numa situação de ambiguidade latente entre o fascínio de sua vida profissional e a trivialidade da vida pessoal.

Os direitos sociais das pessoas idosas é o tema do artigo de Rosanete Steffenon, “Atendimento a idosos: situações documentadas no Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro”. A autora procura observar, através de situações registradas em procedimentos administrativos do Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro – através das promotorias especializadas em atendimento ao coletivo idoso – como é a situação de atendimento pelas pessoas que necessitam residir em Instituições de Longa Permanência. O artigo aborda uma questão sensível na sociedade brasileira, que é a relação entre o formalismo dos direitos sociais e o descaso vigente para a efetivação do acesso a esses direitos e como, no caso das pessoas idosas, seus direitos exigem ações mais incisivas para que sejam assegurados.

O desrespeito à satisfação de direitos assegurados através do Estatuto do Idoso leva familiares e idosos a recorrerem, em parte dos casos, ao



Ministério Público. Com isso, constata-se uma vez mais uma judicialização da política. As pessoas idosas, pela condição de fragilidade e resistência de parcela da sociedade à efetivação de seus direitos assegurados normativamente, encontram no Ministério Público um guardião da violação de seus direitos. Para a autora, essas iniciativas do coletivo e/ou de familiares evidencia a ausência do Estado de efetivar políticas em consonância com o Estatuto do Idoso, ao mesmo tempo em que privilegia que o atendimento à pessoa idosa aconteça no âmbito familiar.

O artigo de Simone Pereira e Carla Almeida, “A juventude pensada a partir do envelhecimento: demografia e comportamento político dos grupos geracionais”, por sua vez, se preocupa em analisar o comportamento político de jovens e de pessoas idosas. Nesse sentido, fundamentadas no conceito de “vínculo geracional”, tal qual proposto por Karl Mannheim, as autoras investigam como estes dois grupos etários, da cidade de Maringá-PR, vivenciam valores e comportamentos políticos. Como resultado, o que se observa é que eles compartilham de valores comuns – no que diz respeito ao associativismo de cunho religioso, ao distanciamento de organizações políticas – mas, também, manifestam atitudes comportamentais e valores distintos, característicos de suas gerações, sobretudo quanto às questões políticas, demonstrando que a vivência entre gerações aproxima e distancia, dependendo da forma como valores e comportamentos são aceitos no convívio de cada geração.

Os artigos seguintes trazem a juventude como seu tema principal. Eduardo Di Deus, em “Quadrilhas juninas como um movimento de juventude em Rio Branco, Acre”, destaca a grande capacidade de mobilização das quadrilhas juninas. Grande quantidade de pessoas em vários momentos do ano, não apenas durante as festas de junho, é articulada pela prática. Para além de realizar um evento cultural e construir um espetáculo, os coletivos formados são interlocutores das políticas públicas e espaço de sociabilidade para a juventude.

O artigo de Elisabete Maria Garbin e Angélica Silvana Pereira, “Música e identidades juvenis na cena cultural contemporânea”, também trata da temática das culturas juvenis. A música é abordada como mote organizador de práticas juvenis muito diversas entre si. Cada estilo musical, em sua especificidade, contribui com a articulação de uma dada identidade juvenil.

O terceiro artigo sobre juventude também trata das culturas juvenis articuladas em torno da música, “La juventud como lenguaje político: reflexiones a partir de un incendio en un recital de *rock*”, de Paula Isacovich. Mas o destaque do texto são as implicações políticas de um evento. Um incêndio durante um show de *rock* na Argentina revela distintas visões sobre a juventude, incluindo a dos próprios jovens, enfrentando discursos estereotipados oriundos de instituições controladas pelos adultos.

Russel Parry Scott constrói seu texto, “Juventude urbana no Brasil, Zâmbia e Vietnã: nações, cidades e pluralidades”, a partir de uma instigante comparação entre três condições urbanas e suas juventudes: Recife (Brasil), Lusaka (Zâmbia) e Hanoi (Vietnã). Bem mais que uma suposta condição juvenil “universal”, o artigo revela a constituição de distintas juventudes por meio de combinações próprias de espaços, tempos e culturas. Constitui-se em um ótimo trabalho para pensar juventudes urbanas na atualidade, não apenas pelos seus exemplos, mas também pela proposição criativa do conceito de “pluralidades limitadas”.

Fecha o dossiê o artigo de Gonzalo Assusa e Maria Gabriela Brandán Zehender, “La empleabilidad, sus sentidos y dispositivos: un estu-

dio de caso desde la perspectiva de los beneficiarios del *Programa jóvenes más y mejor trabajo* en Córdoba Capital, Argentina”. Este é o segundo artigo deste dossiê que tem como tema a juventude na Argentina, mas é o que mais diretamente trata das chamadas Políticas Públicas de Juventude, por discutir especificamente as políticas de emprego para os jovens, demonstrando a construção de sentidos sobre o trabalho, pelos próprios jovens, em torno da noção de empregabilidade.

Na seção de resenhas, há ainda dois trabalhos que se incluem na temática deste dossiê. A resenha de Liliana de Salvo Souza trata do livro *Sobre educação e juventude: conversas com Riccardo Mazzeo/ Zygmunt Bauman*, obra em que o afamado sociólogo Bauman trata de suas ideias sobre a juventude. Por sua vez, Larissa Messias Moraes resenha a coletânea *Infância e juventude: direitos e perspectivas*, organizada por Dijaci David de Oliveira e outros.

A diversidade de artigos aqui presentes evidencia, uma vez mais, a ideia de heterogeneidade no campo geracional da velhice e da juventude. Com efeito, as pesquisas e os estudos acumulados nos últimos decênios atestam que o envelhecimento social e a expansão do “direito à juventude” constituem desafios instigantes para as ciências sociais. Aprender essas gerações em suas supostas essências torna-se cada vez mais difícil, tamanha a complexidade que elas adquirem, quer pela sua emergência no cenário intergeracional, quer pelo protagonismo que passam a exercer na medida em que sua presença se revela mais perceptível na sociedade. A todos os que se interessam pelo tema, desejamos, pois, uma boa leitura.

## Referências

- BOURDIEU, Pierre. A “juventude” é apenas uma palavra. In: \_\_\_\_\_. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 112-121.
- BRITTO, Sulamita de (Org.). *Sociologia da juventude*. 4 vol., Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1968.
- FORACCHI, Marialice M. *A juventude na sociedade moderna*. São Paulo: Pioneira, Edusp, 1972.
- PAIS, José Machado. *Culturas juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1993.